

A CONFIGURAÇÃO REGIONAL/UNIVERSAL DA METAMORFOSE EM MEU TIO O IAUARETE

Prof. Doutoranda Alyere Silva Farias (UFRN)

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o conto “Meu tio o Iauaretê”, de João Guimarães Rosa, publicado em revista, pela primeira vez, em 1961 e, mais tarde, na coletânea póstuma Estas Estórias. Consideramos que o conto consiste em uma composição na qual se encontram traços regionalistas e espiritualistas, em evidência no momento de sua escrita, como afirmam Bittencourt e Lopes (2004), visto que se utiliza de uma linguagem característica da região onde a narrativa se desenrola, e de um personagem que se reveste de aspectos sertanejos, mas trata de um tema considerado nessa análise como sobrenatural, ou fantástico, presente na literatura universal: a metamorfose. Elegemos, dentre os diferentes níveis de análise, o olhar sobre a des-humanização de seu personagem principal e a sua humanização. Ao nos afastarmos da concepção regionalista tradicional, é possível dialogar com outras metamorfoses da literatura universal, numa perspectiva comparatista diferencial (HEIDMANN, 2010; ADAM, HEIDMANN e MAINGUENEAU, 2010; ADAM, 2011), dentre as quais destacamos autores que, como Rosa, realizaram processos de experimentação na escrita, Ovídio, em suas Metamorfoses, e Kafka, com A metamorfose. Desta maneira, é possível refletir sobre a relação entre os homens e suas novas formas, não como um simples processo de des-humanização, mas como um evidenciador da exploração de sua humanidade, dissociada dos padrões sociais, regionalistas ou não.

Palavras-chave: metamorfose, Guimarães Rosa, Comparação Diferencial, Ovídio, Kafka

1 Introdução

As narrativas sobre metamorfoses de seres humanos em outros animais, aves, peixes, seres inanimados ou figuras míticas, são comuns na literatura ocidental, principalmente no que se refere à cultura grega e latina. Um dos textos emblemáticos no dentre as narrativas de metamorfoses, apesar de não ser o mais antigo, é **As metamorfoses** (*Metamorphoses*) de Ovídio, escrito em latim entre 1 e 2 a. C. e considera-se que “nenhuma outra obra da Antiguidade Clássica exerceu maior influencia na cultura européia, em particular na arte, literatura e música” (ALBERTO, 2010, p. 14).

A Metamorfose (*Die Verwandlung*), novela escrita por Kafka em 1912 e publicada em 1915 é o segundo texto que destacamos neste estudo, obra de maior destaque do escritor tcheco que, como os escritos de Ovídio, é alvo de estudos dos mais variados, dentre os quais os que se debruçam sobre a invenção da linguagem, de um modo particular de narrar e da abordagem da temática da transformação. Destacamos apenas esses caminhos de entrada nas duas obras citadas acima no intuito de estabelecer um diálogo com um conto de Guimarães Rosa, alvo principal de nossos estudos.

O conto **Meu tio o Iauaretê** integra o livro póstumo “Estas Estórias” e foi publicado na revista “Senhor” em 1961. A narrativa pode ser descrita como um monólogo/diálogo

entre um índio, que é um onceiro e vive isolado no sertão, e um forasteiro, que questiona este onceiro, mas do qual o leitor apenas intui a presença, visto que não há falas dele.

A partir destas observações preliminares, nos voltamos para o processo particular de narrar e da abordagem da temática da transformação, e elegemos, dentre os diferentes níveis de análise, votar o olhar para a des-humanização dos personagens e a sua humanização.

Definidos o nosso norte e as obras sobre as quais refletimos, é importante destacar que o nosso método analítico, a Comparação Diferencial, considera que as obras a serem analisadas se encontram no mesmo nível, e apresentam semelhanças óbvias, no nosso caso o fio comum que une as três obras é a metamorfose. A partir do estabelecimento do fio comum, é que se dá a análise, considerando o diálogo, e não a filiação hierarquizando os textos, observando os efeitos de sentido de cada um dos textos e atentando para as suas singularidades. Contrária a uma postura universalizante da literatura, Ute Heidmann observa que:

Em nossa época ameaçada pela dominação de uma linguagem única, é bom lembrar que possuímos um antídoto contra esse perigo: a escrita literária. Ela procede por diferenciação, como é também por diferenciação que se formaram as línguas e as culturas do mundo. [...] Para explorar esse processo de diferenciação e sua função de antídoto contra a linguagem única e o pensamento único, me empenhei em elaborar um método de análise que se funda, também ele, na ação de diferenciar. Ele recorre à comparação com o objetivo de diferenciar as criações literárias e se inscreve contra a tendência mais comum de generalizá-las e de “universalizá-las”. Propus chamar esse método uma “comparação diferencial”. [...] De encontro a essa tendência à universalização produtora de estereótipos, me importa dar a ver o extraordinário trabalho de diferenciação construído na e pela escrita literária. Uma tal análise comparativa e diferencial das criações literárias não leva, como veremos, à constatação de irreduzíveis diferenças. Ela permite descobrir, muito pelo contrário, que a escrita literária é fundamentalmente dialógica e que ela tira sua capacidade de criar efeitos de sentido diferentes e novamente pertinentes de seu diálogo constitutivo com outras criações, outras línguas e outras culturas. (HEIDMANN, 2012, p.02)

Para este momento de discussão, procuraremos introduzir nossas reflexões que deverão ser desenvolvidas nos próximos meses para a conclusão do nosso estudo, desta maneira destacaremos alguns dos aspectos relevantes no conto **Meu tio o Iauarete**, de Guimarães Rosa, em seu diálogo com os escritos de Ovidio e Kafka, citados anteriormente.

2 Metamorfose: de Ovidio a Rosa

Como bem observa Heidmann, em relação a escolha dos textos a serem comparados,

Como os comparatistas sabem muito bem, não existe *uma*, mas *múltiplas* formas de conceber a escrita da obra literária. Essas concepções variam de acordo com as épocas, as línguas, as culturas, os paradigmas e socioletos teóricos em vigor, que poder ser de ordem psicológica, filosófica, antropológica, linguística, poetológica etc. (HEIDMANN, 2012, p.08)

Sobre as obras escolhidas para serem analisadas, escolhemos realizar uma aproximação analítica organizada a partir do critério de antiguidade, mas considerando que esta escolha organizacional não deve ser tomada como hierarquizante, visto que partimos de uma perspectiva oposta a esta estruturação do estudo comparativo. Dito isto, passemos as reflexões sobre Ovídio, a partir das quais traremos elementos diferenciadores encontrados nas metamorfoses de Kafka e Guimarães Rosa, visto que, para a comparação diferencial,

[...] O novo texto *desloca, condensa* ou *inverte* na maioria das vezes os motivos e sequências observados nas obras antigas, criando assim, em resposta aos textos antigos, significações diferentes e novas. (HEIDMANN, 2012, p.14)

Ovídio, ao falar desta obra, na qual narra o maior número de histórias mitológicas em verso heróico, afirmou cantar “formas mudadas”, e o elo entre as diversas narrativas dentro da obra, colocadas quase que de forma fragmentada (BARTHES, 2003) é a própria transfiguração: “o propósito é contar histórias de forma contínua, sem grandes reflexões teóricas sobre o sentido da metamorfose, em que os episódios se sucedem uns aos outros, como se o próprio texto se fosse metamorfoseando” (ALBERTO, 2010, p. 18).

Posto isto, nos questionamos sobre o que há de humano neste processo, visto que percebemos que nestas formas mudadas há um desnudar de características humanas, exageradamente, como muito mais tarde Todorov (2012) discute ao refletir sobre o fantástico. Consideramos que Ovídio brinca com o leitor, com o universo onírico, puramente ficcional, por ele narrado, mas assegura que é seu “animus”, sua parte racional, que o impele a escrever esta narrativa. A relação entre imaginário e verossimilhança também é encontrada nos textos de Kafka e Guimarães Rosa.

Considerada como obra original, “As Metamorfoses” de Ovídio reescrevem muitos mitos já conhecidos na cultura helênica e romana, dentre as suas fontes estão metamorfoses da Ilíada, da Odisséia, de Hesíodo e Calímaco, entre outras, então é nosso objetivo observar também, nestes 15 livros e 250 episódios mitológicos ou não, com base na comparação diferencial, qual é a diferença entre estes textos e como ele o faz, se de uma nova forma de escrita ou de um nova perspectiva ante os mitos narrados, considerando ainda a importância dada aos personagens, se há um predomínio nos deuses ou uma maior atenção aos humanos, se há uma maior atenção a sua forma ou a sua metamorfose, ao desfecho ou a causa. Considera-se eu Ovídio é original por escapar das categorizações existentes em sua época (ALBERTO, 2010).

Sua narrativa trata inicialmente de um passado imemorial (COSTA LIMA, 2003) no qual o mundo e a humanidade foram criados, com uma progressão cronológica imprecisa, como ocorre no texto de Guimarães Rosa especificamente nas falas do homem-onça, e difere da exatidão temporal da rotina da família Samsa no texto de Kafka. Apesar da fragmentação de algumas histórias narradas por Ovídio, se conserva uma fluidez, talvez auxiliada pela precisão geográfica e física de suas narrativas.

Nesta narrativa longa, dão-se a conhecer os principais atores no processo de formação do império romano, suas relações conflituosas com os deuses, criatura míticas e outros homens, entremeadas de metamorfoses que, como percebe-se em uma primeira leitura, são punições dos deuses, e em alguns casos, punições aos deuses. As metamorfoses revelam ainda uma ligação entre as transformações a história familiar de cada humano alvo destas punições. A organização social dos deuses recompõe a organização social da época

em que Ovidio vivia, como apontam estudos sobre a organização de Roma na qual os membros mais importantes viviam no centro e ao seu redor se organizavam os menos importantes .

Percebe-se a influencia grega nesta organização genealógica das transformações, bem como em relação aos nomes dos personagens, que costumam ser bastante significativos para a compreensão da narrativa, ou já se tornaram metonimicamente uma definição de suas metamorfoses, durante a difusão desta narrativa até os nossos dias.

Diante do vasto número de metamorfoses, consideramos nos deter a algumas delas que emblematicamente seriam alvo de nossos estudos detalhados, entretanto a figura de um deus em particular nos chamou a atenção, não como um metamorfoseado, mas como um provocador de diversas metamorfoses. Zeus, em suas incursões pela terra revela traços humanos que desencadeiam processos de metamorfoses que expõem seus alvos, que na maioria das vezes despertam o desejo sexual no deus e tem sua vida transformada a partir desse encontro com a divindade.

Em Ovídio, os personagens não-humanos são humanizados, ganham sentimentos e compreensão da humanidade, diferente das narrativas anteriores. como se observa, “o mundo das metamorfoses é sobretudo um espaço de dramas, de incertezas e arbitrariedades, onde a metamorfose se processa sem que haja uma lógica moral” (ALBERTO, 2010, p.25). esta lógica moral é pouco a pouco perdida também nos textos de Kafka e Guimarães Rosa, nem sempre pelo personagem metamorfoseado. Dentre os metamorfoseados é válido destacar Licaon e sua família de metamorfoseados, para um estudo mais profundo.

O elemento desencadeador das metamorfoses em Ovídio é, muitas vezes , religioso, e se dá por escolha , o humano escolhe desobedecer pu desonrar um ou mais deuses, ou por castigo de um deus que não conseguiu o que desejava do humano, ou se sentiu ofendido sem que o humano procurasse o desagradar, em resumo a oposição aos deuses é o grande motivo desencadeador em “As metamorfoses” de Ovidio.

Entretanto, a primeira metamorfose merece atenção visto que em sua organização pode ser comparada as dos outros dois textos objeto de nossa análise. A primeira metamorfose é a transformação do caos em mundo, ou seja, parte-se da instabilidade e da ausência, há uma minimização, ou simplificação dos deuses, que se tornam semelhantes a natureza, e a criação de uma estabilidade, forma e definição, com a presença das coisas e a descrição de suas características. cria-se a terra sem uma causa anterior, sem uma explicação para esta ação, e é neste aspecto que se assemelha a metamorfose de Kafka, texto no qual o personagem Gregor Samsa já acorda metamorfoseado e toma-se conhecimento de sua vida anterior a esse momento durante o desenrolar dos fatos, a partir de lembranças e evocações de um tempo perdido, por ele e por seus familiares.

A estabilidade apontada em relação aos aspectos destacados nesta leitura, só retorna com a sua eliminação. em “Meu tio o Iauarete” temos também o que Costa Lima nomeia de “palavra inaugural”, a metamorfose ocorre no momento da narrativa, sem que haja um conhecimento prévio sobre os motivos e a vida pregressa do homem onça. aqui a narrativa se desanuvia a partir do relato do próprio homem-onça. Observamos que o momento histórico em que este texto emerge também merecerá uma reflexão, a posteriori, a saber,

Antes de analisar *aquilo* que é dito no enunciado literário (o que avança na intriga, nos motivos e temas, etc.), convém, nessa óptica, examinar a *maneira* pela qual o sujeito enunciator o apresenta. Em que espaço e em

que tempo ele situa sua enunciação e seu enunciado? Qual é a “cena de fala” que ele constroi para *dizer* ou *fazer dizer*? O que ele instala nessa cena? (HEIDMANN, 2012, p.11)

3 Considerações

Acreditamos que nos textos selecionados podemos enveredar por diferentes níveis de análise, dentre os quais elegemos o olhar sobre a des-humanização de seus personagens principais e a sua humanização. Estes dois níveis se referem a dois olhares sobre um mesmo acontecimento: a metamorfose

A segunda perspectiva a ser explorada por nós se refere ao que podemos chamar inicialmente de “assimilação” entre o homem e o animal no qual foi metamorfoseado, momento no qual as características consideradas como eminentemente humanas se mesclam aos aspectos socialmente apontados como próprios de animais, selvagens e contrários ao caráter humanizador da vida em sociedade.

Neste ponto, é possível partirmos do ditado “conhece-te a ti mesmo” numa perspectiva extremamente crítica da sociedade, ou uma reconfiguração de elementos de humanidade, despidos da moral, da ética e da lógica social, desta maneira é possível refletir sobre a relação entre os homens e suas novas formas não como um processo de des-humanização, como inicialmente foi proposto, mas como um desencadeador de uma exploração de sua humanidade dissociada dos padrões sociais, o que exclui as possibilidades de análise adotadas inicialmente, psicológica, política e social, e nos deixa com uma perspectiva mais filosófica e talvez metafísica que possibilitem a elaboração e ensaio de reflexão sobre onde está o humano, o que é o humano e o que há de humano nas metamorfoses destes três textos, o que nos conduz a trechos de outros textos, como a epígrafe de Clarice e um trecho de conto de Guimarães Rosa, “a vida mente, mesmo quando desmente” (Os chapéus transeuntes), e que provavelmente poderão dialogar com as reflexões de Deleuze, Guattari, Blanchot, Bataille, Barthes. Como Bataille observa em relação a Kafka, as entradas óbvias, como a social, familiar, sexual e religiosa, podem ser supérfluas. Nesta linha de raciocínio, um conceito que pode ser utilizado é o de “mise en abime”.

Esta aproximação inicial buscou se fundamentar na abordagem comparativa diferencial como método de estudo do texto literário. As evidências aqui apontadas serão fruto de maiores reflexões, visto que sugerimos apenas alguns indícios que podem ser analisados nos textos que selecionamos para estudar nessa perspectiva de análise do texto literário.

Referências Bibliográficas

- 1] ALBERTO, Paulo. Sobre as metamorfoses. In: OVIDIO, *As Metamorfoses*. trad. de Paulo Alberto. Lisboa: Cotovia, 2010.
- 2] BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- 3] COSTA LIMA, Luiz. *mimesis e modernidade*. São Paulo: Graal, 2003.
- 4] HEIDMANN, Ute. (para uso estritamente reservado dos participantes do seminário Construire les comparables, primavera de 2012) Artigo a ser publicado em: Vincent JOUVE (éd.), *Quelles nouvelles approches pour le texte littéraire ?* Editions et presses universitaires de Reims, 2012.
- 5] HEIDMANN, Ute. Comparatisme et analyse de discours. La comparaison différentielle comme méthode. In : *Sciences du texte et analyse de discours. Enjeux d'une interdisciplinarité*, J.-M. Adam et U. Heidmann (dir.), Lausanne, *Etudes de Lettres* 1-2, et Genève, Slatkine, 2005, p. 99-118.
- 6] KAFKA, Franz. *A Metamorfose*. trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- 7] OVIDIO, *As Metamorfoses*. trad. de Paulo Alberto. Lisboa: Cotovia, 2007.
- 8] ROSA, João Guimarães. Meu tio o Iauarete. In: _____. *Estas Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- 9] TODOROV, Tzvetan. Introdução a literatura fantástica. São Paulo: Perspectiva, 2012.